

# **PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES GUINEENSES NO MERCADO INFORMAL E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O CRESCIMENTO DA ECONOMIA DO PAÍS<sup>1</sup>**

**Rosiani Sanca Martins<sup>2</sup>**

## **RESUMO**

O presente artigo propõe analisar as contribuições das mulheres guineenses no mercado informal. O trabalho informal realizado pelas mulheres tem contribuído para o crescimento da economia e o desenvolvimento do país nos últimos anos, e tem contribuído massivamente na sobrevivência e manutenção das famílias no que diz respeito à educação, alimentação e saúde. Diante disso, explicarei os desafios enfrentados pelas mulheres do comércio informal no cotidiano guineense. Do ponto de vista metodológico a pesquisa se assenta numa abordagem qualitativa interpretativa, tendo como técnica a entrevista e coleta de dados que permite analisar as contribuições das mulheres guineenses no mercado informal e suas contribuições na economia e no desenvolvimento do país. O embasamento teórico passará por estudo de gênero e trabalho informal, a permissão hipotética que guia este artigo é de que com a renda proveniente do trabalho informal milhares de mulheres guineenses têm contribuído para o equilíbrio financeiro das famílias.

**Palavras-chave:** Setor informal (Economia) - Guiné-Bissau - 1994-2010. Trabalho informal - Guiné-Bissau. Trabalhadoras - Guiné-Bissau.

## **ABSTRACT**

This paper proposes to analyze the contributions of Guinean women in the informal market. The informal work performed by women has contributed to the growth of the economy and the development of the country in recent years, and has contributed massively in the survival and maintenance of families with respect to education, food and health. In light of this, I will explain the challenges faced by women in informal commerce in everyday Guinean life. From the methodological point of view, the research is based on a qualitative interpretative approach, using as technique the interview and data collection that allows the analysis of the contributions of Guinean women in the informal market and their contributions in the economy and in the development of the country. The theoretical basis will go through the study of gender and informal work, the hypothetical permission that guides this article is that with the income from informal work thousands of Guinean women have contributed to the financial balance of families

**Keywords:** Informal sector (Economy) - Guinea-Bissau - 1994-2010. Informal work - Guinea-Bissau. Workers - Guinea-Bissau.

---

<sup>1</sup> Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Juliana Dourado Bueno.

<sup>2</sup> Licencianda no curso de Ciências Sociais da UNILAB.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como propósito compreender a participação das mulheres guineenses no mercado informal e as suas contribuições para o crescimento da economia do país. Trata-se de uma pesquisa com mulheres guineenses, inseridas no trabalho informal. As ideias expressas neste artigo são resultado da pesquisa realizada entre os anos 2020 e 2021 com diferentes mulheres inseridas nesse meio.

O trabalho informal realizado pelas mulheres tem contribuído para o crescimento do país e para a sobrevivência e manutenção das famílias no que diz respeito à educação, alimentação, saúde, vestuário dos filhos, assim como no próprio crescimento do produto interno bruto (PIB). Entretanto, muitas vezes, esse comércio informal feito por mulheres não é reconhecido pela sociedade como trabalho que gera uma fonte de renda, uma vez que o trabalho formal é considerado mais benéfico e superior em relação ao informal. Também é válido ressaltar que a maioria dessas mulheres que trabalham no mercado informal não terminaram o Ensino Médio e esse é um dos motivos principais que as levam a aderirem ao comércio informal.

O trabalho das mulheres no setor informal tem contribuído para sua autonomia econômico-financeira, sua emancipação e uma maior participação na sociedade guineense. As mulheres no mercado informal têm garantido a sobrevivência de milhares de mulheres e reprodução das famílias, muito embora suas visibilidades não foram reconhecidas como algo importante na sociedade guineense, já que o machismo acaba limitando-as, por essa razão dificilmente são incluídas nos lugares de grandes prestígios e nas tomadas de decisões.

Localizado geograficamente na costa ocidental da África, a Guiné-Bissau tem a superfície total de 36.125km<sup>2</sup>. Faz fronteira norte com o Senegal, sul com a Guiné-Conacri e oeste é banhado pelo oceano Atlântico. O país tem cerca de 1.852.284 habitantes (um milhão, oitocentos e cinquenta dois mil e duzentas e oitenta e quatro), conforme dados do relatório da CPLP, (Comunidade de Países da Língua Portuguesa)<sup>3</sup>, atualizado em 2018. O país é composto por oito regiões e um sector autónomo, nomeadamente, região de Cacheu, Oio, Biombo, Quinara, Tombali, Bolama, Bafatá, Gabú e sector autónomo de Bissau.

Esta nação africana é constituída por diversos grupos etnolinguísticos, com destaque para os balantas, fulas, mandingas, papéis, mancanhes, manjacos, biafadas, felupes, mansoncas, nalus etc. Para além das regiões e do sector autónomo, existe o arquipélago dos

---

<sup>3</sup> Comunidade de Países da Língua oficial Portuguesa. Relatório Final- Guiné-Bissau. Agosto de 2017. Revisado em Abril de 2018.

Bijagós, formado por mais de 80 ilhas onde somente 33 são habitadas. A Guiné-Bissau tem clima tropical (quente e úmido), com duas estações do ano: seca e chuvosa. É um país da língua oficial portuguesa, integrando em várias organizações internacionais entre os quais destacam-se: os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) e Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO) e dentre outras organizações que congregam países africanos.

O artigo está estruturado da seguinte forma: primeiro os caminhos metodológicos que foram percorridos durante toda a pesquisa; em seguida, apresento os principais fatores que influenciaram a desvalorização do trabalho. Em terceiro momento, serão apresentados os conceitos de trabalho informal discutidos por diferentes autores. Já no quarto tópico, trouxemos as discussões sobre a questão sobre a desigualdade de gênero e a inserção das mulheres no mercado de trabalho. Procuraremos, no último tópico, a partir dos resultados da entrevista a inserção dessas mulheres no mercado informal, suas lutas diárias bem como, papéis desenvolvidas por elas na educação dos filhos.

Durante um ano da pesquisa adotamos uma abordagem qualitativa na qual desenvolvemos um questionário semiestruturado. A realização desta entrevista contou com a colaboração de uma pessoa conhecida meu primo David, ele foi fundamental na realização da entrevista como ele estuda de segunda á sexta ele costuma viajar para as regiões nos finais de semana a fim de realizar as entrevistas. Todas as entrevistas contaram com a minha supervisão<sup>4</sup>, já que não foi possível a realização da minha viagem a Guiné-Bissau. Para realizarmos essa entrevista, fizemos primeiro análise dos lugares onde iríamos aplicar os questionários da entrevista, no início era para ser realizado nas três províncias do país (Norte, Sul e Leste), mas como foi realizada uma entrevista preliminar para conhecer o perfil das entrevistadas, percebemos que não iríamos conseguir atingir todas as áreas pretendidas devido a indisponibilidade das entrevistadas e também são lugares de difícil acesso. O questionário da entrevista foi elaborado em duas versões, uma em língua portuguesa e o outro no crioulo guineense, ainda vale acentuar que as entrevistas foram feitas na língua crioulo, enquanto suas traduções encontram-se na língua portuguesa.

Durante a entrevista, foram entrevistadas nove mulheres que trabalham com comércio informal da faixa etária entre 19 a 52 anos, de diferentes culturas e grupo etno-linguístico, tais como balanta, manchanche, mandinga, fula, papel e mansônica.

---

<sup>4</sup> Instruí-a ele como fazer as entrevistas, como abordar as entrevistadas, como falar com as entrevistadas para que elas não se sentissem intimidadas. Tudo isso fizemos através do vídeo chamada por meio de aplicativo de rede social.

As entrevistas foram realizadas nos seus respectivos espaços de trabalho e na língua crioulo, a língua na qual elas se sentem mais à vontade em falar. Ainda vale enfatizar que as entrevistas ocorreram em diferentes regiões que compõem o país, entre elas destacamos: Bafatá, Gabu, setor de Bambadinca e setor autónomo de Bissau, e as entrevistas foram realizadas no período de abril a dezembro de 2021.

Com o suporte de grandes informações obtidas na pesquisa do campo, acabamos percebendo que o questionário faz ponte com a história de vida das entrevistadas e desse modo acabamos adotando a técnica de história de vida para melhor entender a inserção dessas mulheres no trabalho informal. Para Spindola & Santos (2003, P.3), "o método de história de vida procura compreender os elementos gerais contidos nas entrevistas das pessoas, não objetivando, contudo, analisar suas particularidades históricas. Nesse sentido, histórias de vida, por mais particulares que sejam, são sempre relatos de práticas sociais das formas com que o indivíduo se insere e atua no mundo e no grupo do qual ele faz parte".

## **2 FATORES QUE INFLUENCIARAM NA DESVALORIZAÇÃO DO TRABALHO**

Desde o início o capitalismo trouxe as diferentes formas de destruição de trabalho que afetou a natureza de uma forma muito intensa e essa destruição se deu por meio das guerras, a luta pela posse, a substituição do trabalho manual para máquinas, a sucessiva busca pelo acúmulo de bens e de riqueza. Existe uma pequena parcela da população que é detentora de todo meio de produção, por outro lado, existe grande número da população que são proletários que vendem as suas forças de trabalhos para conseguir satisfazer suas necessidades, são esses elementos que podemos ver até nos dias atuais.

Segundo Antunes (2003, p.406-407), podemos adicionar que, em plena eclosão da mais recente crise global, este quadro se amplia ainda mais e nos faz presenciar uma corrosão ainda maior do trabalho contratado e regulamentado, que foi dominante ao longo do século XX, de matriz taylorista-fordista:

Pautado pela *subsunção real do trabalho* (Marx, 1978) ao mundo maquínico, seja pela vigência da máquina-ferramenta autômata ou informacional-digital, esse trabalho relativamente mais formalizado vem sendo substituído pelos mais distintos e diversificados modos de informalidade e precarização, de que são exemplo o *trabalho atípico* (Vasapollo, 2005), os trabalhos terceirizados (com sua enorme gama e variedade), o "cooperativismo", o "empreendedorismo", o "trabalho voluntário" etc. Estas modalidades de trabalho configurando as mais distintas e diferenciadas formas de precarização do trabalho e de expansão da informalidade —

vêm ampliando as formas geradoras do *valor*, ainda que sob a *aparência* do *não valor*, utilizando-se de novos e velhos mecanismos de intensificação (quando não de *autoexploração* do trabalho). (ANTUNES, 2003. P. 406-407)

Todo esse processo da precarização do trabalho e baixa remuneração acabou por afetar mais as mulheres, já que o trabalho desenvolvido por elas sempre foi invisibilizado, com a substituição de trabalho manual por máquinas, muitas mulheres acabaram por ficar desempregadas. Mesmo sem trabalho remunerado nunca deixaram de exercer o papel que foi atribuído a elas devido ao sistema patriarcal que foi predominante ao longo dos anos, que é cuidar das tarefas domésticas e dos filhos.

As mulheres têm tido um papel de destaque no âmbito do trabalho informal nas sociedades africanas desde a época pré-colonial. Este fato parece confirmar a existência de um modo de produção africano pré-colonial, em que a presença de mulheres comerciantes constituiu uma especificidade de gênero que não estava presente nas sociedades pré-industriais européias, por exemplo. Além disso, esta perspectiva remete para a provável existência de dinâmicas culturais que parecem ter sobrevivido ao período colonial. (SILVA. 2010.P.02.)

O estudo sobre a participação das mulheres no mercado de trabalho vem sendo objeto de grande produção teórica como exemplo *trabalho, precarização e resistências: novos e velhos desafios?*<sup>5</sup>. *Trabalho, Precarização e Relações de Gênero em Tempos de Flexibilização e Reestruturação Produtiva*<sup>6</sup>, esses estudos são importantes para explicar a crise socioeconômica que as mulheres viveram nas últimas décadas. Frente à essa crise econômica global, a participação feminina no mercado de trabalho em muitos países é o único setor de produção que aumentou as suas atividades durante a crise.

De acordo com Carrasco (1999, p.15), o debate sobre o patriarcado/capitalismo já tinha criado as primeiras discussões em torno do "trabalho feminino assalariado, confrontando a lógica patriarcal à lógica capitalista. Esses dois aspectos destacados da discussão tem a ver com a caracterização das mulheres como exército industrial de reserva nos termos definidos pelo Marx, com o chamado "salário familiar"

A desvalorização do trabalho na Guiné-Bissau teve o seu marco com o golpe de estado em novembro de 1980, com essa crise política veio a desvalorização do funcionário público e falta de pagamento de salários. Por essa razão nota-se que a instabilidade política que se instalou no país, provocou o aumento de desemprego e, ao mesmo tempo, trouxe a

<sup>5</sup> DRUCK, Graça. **TRABALHO, PRECARIZAÇÃO E RESISTÊNCIAS: novos e velhos desafios?** CADERNO CRH, Salvador, v.24. n. spe01, p.37-57, 2011.

<sup>6</sup> ARAÚJO, M. C. Angela. **Trabalho, Precarização e Relações de Gênero em Tempos de Flexibilização e Reestruturação Produtiva**. Artigo a ser apresentado no XIII Congresso Brasileiro de Sociologia Recife – PE – 29/05 a 01/06 de 2007. GT 29: Trabalho, Precarização e Políticas Públicas

desvalorização do trabalho, razão pela qual as mulheres guineenses passaram assumindo as despesas das suas moradas e dos seus filhos.

A desvalorização do trabalho na Guiné-Bissau continua sendo motivo de grande preocupação, essa desvalorização não afeta somente o setor público, mas também afeta o setor privado, porque o Estado não foi capaz de criar leis que estabelecessem um salário mínimo para o funcionário, sendo assim, cada empregador paga de acordo com as suas leis criadas pela própria instituição ou empresa.

### **3 RELAÇÃO DE GÊNERO NO CONTEXTO GUINEENSE**

Difícilmente podemos falar de gênero sem entender a sua essência, e gênero é uma construção social sobre o que é ser mulher ou homem num determinado espaço ou tempo, e isso se manifesta em diversas formas, muita das vezes como discriminação baseadas no fato de ser mulher ou homem, independentemente da sua faixa etária, classe, orientação sexual ou de ser pessoa com deficiência ou não.

Para Oyeronke (2004, p. 1-9), gênero é uma construção sócio-cultural, é sociocultural porque depende de cada sociedade e na socialização de um ser humano através do lugar onde esse indivíduo nasceu e onde esta vive, porque desde infância a criança é ensinada comportar de maneiras diferentes, a depender do seu gênero, isto é, se no caso, é menino ou menina.

São esses comportamentos que regem a discriminação pelas mulheres, e, ao mesmo tempo, acaba por diferenciar em certos padrões comportamentais. O homem foi ensinado a não chorar, a não demonstrar a fraqueza e ser chefe de família e líder, enquanto a mulher ela foi ensinado de outra forma, sempre quando senta tem que fechar as pernas, tem que saber tarefas domésticas e ser obediente ao seu marido, portanto é ali que assenta a desigualdade, isto é, a diferença no papel desempenhado entre o homem e mulher, bem como, nos lugares que são ocupados pelas mulheres na sociedade.

Isso acaba trazendo enormes consequências, como, no caso das entradas das mulheres nas escolas, assim como, no emprego.

Nesse sentido, faz-se necessário questionar o seguinte: as mulheres na sua maioria quais são os lugares que elas ocupam? Podemos ver as mulheres como faxineira, empregada doméstica entre outras, iremos encontrar um número menor do que os homens nos cargos de grande prestígio, ou seja, nos lugares de tomada de decisão, tais como: diretor de instituições, ministras entre outras funções. De acordo com Biroli (2016, p.725), a posição das mulheres

nas relações de trabalho situa-se nas formas de exploração que lhe caracterizam, sob a dominação de gênero (ou o patriarcado). Trata-se de “um conjunto variado de abordagens, atravessado pelo problema da correlação entre a divisão do trabalho doméstico não remunerado, a divisão do trabalho remunerado e as relações de poder nas sociedades contemporâneas”. (BIROLI. 2016, p.725)

Isso é porque conceitos associados a gênero que foi criado ao longo tempo sobre as mulheres e de que as mulheres não servem para esses papéis de grande prestígio, mas sim, para os papéis ligados a afeto e cuidado, podemos ver isso, nos creches e no ensino da educação infantil, onde a maioria dos funcionários ou professores da escola são mulheres, enquanto que nas outras áreas institucionais, ou seja, no aparelho do Estado, os homens ocupam a maior parte desse espaço.

O que cria essa desigualdade é o gênero, essa socialização que vem desde criança quais são os comportamentos, hábitos para homens e quais são para as mulheres. As mulheres sempre são restringidas ao espaço privada, enquanto o homem está inserido no público, Segundo Biague (2019, p.6) o histórico limitador das mulheres nos espaços públicos está atrelado na cultura hegemônica e na desigualdade de gênero, que tem restringido as mulheres sempre aos espaços privados como sendo o único espaço que ela deve ocupar na sociedade.

O que difere a Guiné-Bissau em relação aos outros países na questão do gênero, é que a sociedade guineense é permeada pelas diferentes culturas e etnias, cada etnia tem a sua cultura própria. Na Guiné-Bissau, se for ao encontro cada etnia nota-se que cada etnia tem o seu conceito do que é ser mulher, por exemplo, na etnia bijagós que é uma etnia matrilineal a mulher tem papel importante nas tomadas de decisões, e elas as líderes, simultaneamente, são elas que determinam das suas respectivas etnia. Já na etnia mandinga, ser mulher tem outro significado, uma vez que a etnia mandinga permite a circuncisão das mulheres, e, sobretudo a mulher circuncidada ela tem papel diferente em relação aos que não passaram pelo mesmo rito.

Na sociedade guineense, a mulher não é vista como alguém que é capaz de liderar por causa da “sensibilidade” que elas apresentam. já que são vistas como incapazes e não têm capacidade suficiente ou habilidades intelectuais. Por mais que uma mulher seja formada e demonstra a sua capacidade para assumir um determinado cargo, o sistema não lhe permite assumir esse lugar, uma vez que a sua condição de ser mulher é associada à ideia de uma fragilidade maior que a colocasse em uma situação de total dependência, o fator que impuseram-lhe a limitação desses cargos.

Hoje fala-se muito sobre igualdade de direito e, na constituição da república de Guiné-Bissau está muito bem explícito no artigo 25 “*O homem e a mulher são iguais perante a lei em todos os domínios da vida política, económica, social e cultural*”<sup>7</sup>, mas infelizmente, verifica-se uma tremenda desigualdade que afeta as mulheres no cotidiano guineense, as próprias leis que zelam pela igualdade acabam por não serem cumpridas na prática.

#### **4 INSERÇÃO DAS MULHERES NO MERCADO INFORMAL, AS LUTAS DIÁRIAS PARA SE MANTEREM E O SEU PAPEL NA EDUCAÇÃO DOS FILHOS**

A inserção das mulheres no ensino superior apresenta número menor em relação aos homens, devido ao patriarcado e machismo, o que leva poucas mulheres a se sentirem incapazes de enfrentar o sistema, visto que a religião, a cultura e a tradição são também fatores que influenciam negativamente esse ingresso nas universidades. Por isso, estudar passou a ser algo longínquo para as mulheres e não foi diferente com as mulheres que trabalham no mercado informal.

A entrada no ensino superior passou a ser colocado em segundo plano, já que o próprio estado não se empenha em criar políticas públicas que visa incluir as mulheres guineenses no ensino superior. Segundo o relatório da CPLP, os homens correspondem 49,5% da população guineense (895.836 em números absolutos) e as mulheres ocupam 50,5% que corresponde a 911.588 pessoas. E no que diz respeito ao processo de escolarização das mulheres tanto no ensino secundário como no ensino superior ocupam 33,8%, enquanto os homens ocupam 65,9%. (DENARP, 2011).

Com a fraca inserção das mulheres no ensino superior, a limitação imposta pelo machismo e a desvalorização do funcionário público, muitos recorrem ao trabalho informal já que ali não se exige o currículo e ensino superior. Para aquelas que conseguiram estudar e conseguem entrar nas universidades, muitas delas cursam enfermagem, serviço social, sociologia, por ser associado como curso “de mulher”, e as áreas de exatas são pouco procurados pelas mulheres, porque a própria sociedade já os colocou no lugar ou curso de mulher.

---

<sup>7</sup> REPÚBLICA DA GUINÉ-BISSAU Assembleia Nacional Popular. **Constituição da Republica**. Reempresão- INACEP. Janiero de 2012.

Com isso, a aposta na formação dos filhos, tornou-se importante, uma vez que elas acreditam que a educação dos filhos será mais benéfica e poderão vê-los a contribuírem no desenvolvimento econômico, político e sócio-cultural do país.

Com a renda proveniente do trabalho informal, milhares de mulheres guineenses têm contribuído para o equilíbrio financeiro das famílias e educação dos filhos e para essas mulheres, este trabalho garante a autonomia e bem-estar das suas famílias, sendo tão importante quanto o emprego formal. Entrevista concedida com a Ivone da etnia papel em Bissau no dia 21 de abril (2021): *“no início comecei a vender era para ajudar a minha mãe, mas hoje é para sustentar a minha família e comercializo porque tenho filhos, eu mesmo preciso das minhas coisas sem contar com a minha mãe que ainda está de vida e precisa de mim”*.

O sistema patriarcal acabou colocando o trabalho de cuidar de casa, filhos e marido como a função da mulher e quando ela se rebela contra o sistema (que no caso luta pelos seus direitos de acesso à escola, a recusa em ter filhos ou casamento precoce), acaba sendo mal interpretada pela sociedade.

De acordo com Sanca (2014, p.15), *“apesar do baixo nível de escolaridade, as mulheres bideiras<sup>8</sup> deram uma contribuição para o crescimento e desenvolvimento econômico do país através da produção agrícola, pecuária e pesca, desenvolvendo o sector informal”*.

É importante salientar que apesar delas contribuírem para o crescimento socio-econômico do país, o trabalho delas continua a ser desvalorizado, devido ao machismo que coloca a mulher sempre inferior ao homem e por ser um trabalho onde não precisa de nível acadêmico e, sobretudo, é ocupado majoritariamente pelas mulheres, assim passa a ser desvalorizado ainda mais.

*vender é um trabalho importante, mas poucas pessoas dão valor ao nosso trabalho e a esse trabalho que não tem férias, mas as pessoas que trabalham com venda sempre sabem como lidar com dinheiro, como gerir o seu dinheiro e através desse trabalho pago meus impostos porque pago a câmara e toda vez que compro algo para vender estou movimentado a economia e isso ajuda o país. (Entrevista concedida com a sr<sup>a</sup> Biocsan da etnia Balanta, Em Gabu no dia 24 de maio de 2021) Minha família vê normal por sabem que aqui é onde eu tiro dinheiro para o nosso sustento, agora as pessoas de rua não vê assim bem, porque acabei o liceu (ensino médio) ficam falando que não quero ir para universidade me formar e fico atrás do dinheiro e a vender sanduiche, mas sempre falo que não tenho quem pagar a minha formação não posso sair aqui ir para Bissau e deixar a minha família, sabemos bem com Bissau é difícil só tenho que pegar nessa venda. (Entrevista concedida com a sr<sup>a</sup> Maimuna da etnia mandinga) em Bafatá no dia 25 de maio de 2021)*

---

<sup>8</sup> **Mulheres Bideiras** significa as mulheres que vendem no mercado informal.

Segundo Gomes (sine die, p.2), na Guiné-Bissau, por conta da instabilidade política e econômica, muitas famílias têm se sustentado graças ao papel das mulheres bideiras, vendendo diferentes produtos: roupas, calçados e alimentos.

*Comecei a vender laranja, mas vi que não tem muito rendimento, depois que dei a luz me casei e o meu marido não tem emprego virei lavadeira pego roupas de outras pessoas e lavo depois de lavar elas me pagam com esse dinheiro tiro uma parte para casa e guardo outro e quando juntei o necessário fui ao lumo comprei grande quantidade de legumes e cesta de tomate, mas quando não consigo vender os produtos apodrecem e estraga então decidi mudar de rumo comecei a ir lumu comprar carvão e lenha já que estes não estragam, estou nisso até hoje (Entrevista Conceidida com a Mariama da etnia fula em Bafatá no dia 24 de maio de 2021.)*

Com o rendimento proveniente desse trabalho das mulheres no setor informal tem contribuído para sua autonomia econômico-financeira, sua emancipação e uma maior participação na sociedade guineense.

A economia informal contribuiu para o desenvolvimento socioeconômico da Guiné-Bissau nos últimos vinte anos, num contexto marcado por instabilidades militares, político-econômicas, crises e atrasos no pagamento dos salários no setor formal.

Um fator importante que precisa ser ressaltado é o desemprego, e o que se pode constatar na Guiné-Bissau o mercado informal ganha mais destaque, ou seja, quanto maior for o número do desemprego no país, mais pessoas procuram o mercado informal, existe no país carência das empresas e o Estado não consegue dar conta de empregar o maior número das pessoas, dessa forma o mercado informal ganhou mais destaque.

No entanto, mesmo com pessoas empregadas ainda existe a questão da falta de salário por parte do governo, que muitas das vezes demora ou não chega, o governo guineense tem grande dificuldade em sanar dívidas deixadas pelo governo passado e cumprir com acordos feito com sindicatos e isso gera uma instabilidade não só para pessoas que trabalham formalmente, mas para todo o país, afetando seu desenvolvimento.

O trabalho das mulheres no mercado informal consiste numa resistência diária desde acordar cedo em busca dos produtos até o momento para comercializar. A outra resistência trata-se da briga com os agente da câmara municipal de Bissau (CMB) sobre seus respectivos lugares do trabalho, ou seja na procura do espaço que dá mais visibilidade para seus clientes. A outra questão trata-se de irem para outros países com intuito de procurar os produtos para vender ou de até acordar muito mais cedo para irem ao *lumo* e as vezes não conseguem voltar a casa no mesmo dia, alás levam até uma semana para regressarem a casa. Como bem aponta uma das entrevistadas.

*Muita dificuldade para encontrar os produtos, muitas vezes quando vou ao lumu não consigo carro para voltar tenho que ficar e dormir dois dias ou mais. Às vezes durmo na varanda de pessoas que nem conheço ou buscar árvore próxima da estrada e sentar e cochilar. (Entrevista concedida em Bambadinca, no dia 22 de maio de 2021, com a Sra, Nhima da etnia Balanta).*

*Tenho muita dificuldade pra achar os produtos, porque antes eu ia para outros países e no início não conhecia ninguém, tenho que pagar hotel para ficar duas ou três semanas, pior de tudo é que não falo ollouf<sup>9</sup>, francês nem inglês fico meio perdido, mas com o tempo as pessoas onde compro mercadoria meus clientes já me conheciam então ficou mais fácil. (conversação feita no mesmo local, com a Sra Tereza da etnia mancanhi, no dia 07 de Abril 2021).*

Todo esse processo se agravou ainda mais com a pandemia de covid-19 onde, as mulheres que comercializam os seus produtos na rua foram mudadas dos seus lugares de ganhar o pão de cada dia, os mercados foram fechados quase um mês, sob a ordem do governo, e sem a criação de um plano que vai dar suporte a essas mulheres e os seus filhos, com intuito de reduzir a pobreza, como vimos nos outros países, inclusive Brasil e Estados Unidos. Esse dilema acaba por gerar outra situação ainda mais complicada para as mulheres, com a chegada dos produtos vindo de Marrocos. Que acabam vendo mais barratos e faz com que os produtos nacionais têm menos procura, bem como explica Mari da etnia mancanhi.

*Os marroquinos vieram no início da pandemia, como mandaram todo mundo para quarentena eles voltaram para o Marrocos, mas vieram agora para ficar trouxeram freezer para conservar os produtos, só ficamos sabendo disso recentemente, como bem sabes aqui ninguém nos passam informação de nada, antes nos colocaram no espaço verde onde estamos há mais de 1 ano já, disseram que é por causa da pandemia, fecharam tudo, antes de nos mandaram para espaço verde perdemos todo o nosso produto até hoje não consigo me reerguer. Aqui no espaço verde é só sofrimento minha filha, tem dias que não vendo nem um tostão, porque aqui não vendem peixe nem carne só legumes, então, os clientes não vêm aqui vão direto para feira de Bande porque lá tem tudo. (Entrevista realizada em Bissau no dia 08 de janeiro de 2022)*

As mulheres do setor informal enfrentam uma luta diária nos seus respectivos locais de trabalho, ora com o pessoal da câmara municipal, outra hora é na busca pelos produtos comercializados, e é importante mostrar como o setor informal carece de atenção por parte do Estado guineense, e também percebe-se que existe a falta do diálogo entre o Estado e essas mulheres, por isso, a situação agravando cada vez mais.

*O papel câmara é varrer, limpar e medir o lugar que as pessoas vão colocar as mesas, mas no meu caso eu fico fora não dentro da feira o espaço que eu coloco as minhas coisas dentro da feira é da minha amiga, pagamos 150f<sup>10</sup>c, mas até o banheiro da feira temos que pagar 25fc para fazer xixi e 100fc para fazes e eles nem lavam o banheiro sempre por isso eu não uso esse banheiro peço sempre na casa da*

<sup>9</sup> Língua falada no Senegal, ou seja, a língua nacional.

<sup>10</sup> 1,42 centavos na cotação do dia 26 de janeiro de 2022.

*vizinha e também ofereço legumes para eles não deixem eles pagarem porque você tem que ajudar quem te ajuda. Aqui o governo nem se lembra das pessoas que estão no interior e eu não conheço e nem sei quem é o governador eu não sei de nada desse presidente, mas é melhor não falar sobre isso porque agora a pessoa não pode falar mandão bater. (Entrevista concedida com a sr<sup>a</sup> Fatu da etnia mansonca em Bambadinca no dia 20 de abril de 2021).*

Tudo isso faz com que as mulheres do mercado informal não se sintam representadas pelo estado e caracterizam suas lutas diárias como pessoais não da sociedade, já que o estado é ausente que só se preocupa em recolher o dinheiro, mas não se preocupa em saber quais são as suas dificuldades enfrentadas no cotidiano, e tentar amenizar, ainda existem esse silenciamento da população quando estas se sentem incomodadas e querem manifestar suas indignações existe um medo instalado no país, hoje em dia na Guiné-Bissau reivindicar torna-se um ato desrespeitoso que vai contra os princípios do governo.

**Imagem 1** - Espaço verde, lugar adaptado pelo governo na pandemia para as mulheres do mercado informal comercializarem os seus produtos



Fonte: David Fernandes, data: 21 de janeiro de 2022.

**Imagem 2** - Produtos comercializados no espaço verde



Fonte: David Fernandes. Data: 21 de janeiro de 2020.

Ao longo das análises das entrevistas, percebe-se que a maioria das mulheres que atuam no setor formal, suas preocupações estão ligadas com a educação dos filhos ou na formação acadêmica de membros da família, sobretudo para aquelas que não têm formação acadêmica completa. O maior desejo dessas mulheres é ver os filhos formados no ensino superior e não passar aquilo que tinham passado ao longo do tempo.

*Comecei porque o meu pai faleceu e vi a minha mãe sozinha a enfrentar a dificuldade e vi os meus irmãos a sofrerem por não ter quem pagar a escola para eles e nem eu tive quem pagar as minhas mensalidades, por isso comecei a vender para pagar a mensalidade escolar, dos meus irmãos mais novos e meus sobrinhos e poder ter dinheiro para comprar algo para comermos, por isso estou a vender.  
(Entrevista concedida pela sr<sup>a</sup> Cadi, da etnia Fula, em Gabú no dia 22 de maio de 2021)*

O trabalho das mulheres no setor informal serve também como ferramenta para a redução do analfabetismo no país, com o dinheiro vindo do comércio informal, muitas mulheres conseguem pagar mensalidade dos filhos ou membro da família, e isso permite a permanência destes nas escolas e universidades.

## 5 A CONTRIBUIÇÃO DO TRABALHO INFORMAL NO CRESCIMENTO DA ECONOMIA

Apesar de o setor informal ter tido pouco atenção pelo estado, mas é perceptível que o setor apresenta um fluxo de rendimento muito alto e contribui bastante no produto interno bruto (PIB) do país, vale sublinhar que o setor informal também movimenta muito a economia e ajuda na manutenção de diferentes áreas desse setor.

O trabalho informal é caracterizado por diferentes tipos de atividades tais como: trabalhos nas feiras, onde os trabalhadores informais se concentram para comercializar os seus produtos, exemplo de roupas, calçados, ortaliças, cardenos, produtos higienicos entre outros. E também existem trabalhos informais onde as mulheres não comercializam dentro das feiras, algumas tem seus pequenos negocios em frente das suas casa, outros comercializam nos portos, aquelas que saiem para vender de portam em porta.

Segundo Mendes (2018, p.67), o comércio informal tem tido um papel importante e crucial no abrandamento da insegurança alimentar na sub-região da África ocidental, sobretudo dos países vizinhos da Guiné-Bissau, Senegal, Gâmbia e Guiné Conakry concomitantemente. O que se nota nas últimas duas décadas é que o comércio informal caracteriza a forma de ocupação de inúmeras pessoas.

Na Guiné-Bissau o setor informal é sustentado graças à política de livre comércio entre países da Comunidade econômica de estado da África ocidental (CEDEAO). Os produtos importados de outros países também servem como a base para abastecer o comércio informal no país, lembrando que o país não tem nenhuma empresa de produção própria, ou seja, as máquinas para produção de roupas, calçados, ou máquinas para as transformações dos produtos nacionais.

Um dos setores que faz parte do comércio informal que ajuda muito na economia são os lumos realizados em diferentes regiões e setores dos países. Os lumos permitem a circulação de bens e serviços e isso traz rendimento benéfico para o país.

Para Camara (2010, p.45), as transacções comerciais realizadas no quadro dos lumos ultrapassam, hoje em dia, a dimensão local e atingem o nível mais alargado nacional e sub-regional. Para este autor, o expoente máximo do luma é a transacção comercial, apesar de outras funções que desempenha na área social e política, como elo entre a população da zona com as autoridades locais, regionais ou a nível nacional.

**Imagem 3** - Lumo de Cacheu



Fonte: <https://www.facebook.com/RESSANGB/photos/lumo-mercado-de-cacheu-no-zona-norte-da-guin%C3%A9-bissau-pequena-vendedora-de-produt/1080738671997620/>.

Vale ressaltar que nos *lumos* pode-se encontrar variedades de produtos como roupas, produtos alimentícios, produtos de beleza, animais, móveis, produtos escolares e entre outros. E ainda nessas feiras de *lumos* encontra-se pessoas de diferentes países que as vezes vão para ali para comprar diversos produtos e revender depois.

As mulheres guineenses ocupam grande parte do setor informal, garantindo assim um grande fluxo desse espaço, sendo elas a maioria da população. Segundo Inquérito Regional Integrado sobre Emprego e Setor Informal (ERI-ESI) (201. p. 62 - 70), em geral, as mulheres participam em todas as atividades econômicas e são maioritárias no ramo de Agropecuárias, de Caça e Apoio (51,1%), Silvicultura, Extração de Madeira e Atividades de Apoio (55,8%), comércio a grosso (54,1%), comércio retalhista (68,5%) e alojamento e restauração (81,4%). No entanto, existem regiões em que elas não são maioritária, mas acabam dominando o ramo em questão

Portanto, as unidades de produção informais criaram 216.379 postos de trabalho, dos quais 48,7% são mulheres e 44,5% são jovens com idades compreendidas entre os 15 e os 35 anos, com rendimento mensal de 84.044 FCFA<sup>11</sup>.

<sup>11</sup> Corresponde a aproximadamente 836,23 reais na cotação de 10 de janeiro 2021

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mulheres guineenses têm sido um grande pilar para o desenvolvimento não só da economia, assim para as diferentes áreas no país. Tornando assim, uma base para manutenção das suas famílias e ainda lutam contra o analfabetismo e pobreza no país. E o estado como órgão superior tem que dar atenção a essa área tão invisibilizada que é o comércio informal, criando melhores condições de trabalho, idealizando políticas para o microcrédito que serve de manutenção para essas mulheres, além disso, investir nos pequenos negócios, que possam gerar o desenvolvimento no setor econômico.

Como se pode perceber o trabalho informal abrange as diferentes áreas do comércio e é ocupado principalmente pelas mulheres, devido ao patricialismo, a falta de acesso à educação e de política pública voltada para essas áreas das populações mais vulneráveis, e a falta da valorização do funcionário e não comprimento por parte do Estado em arcar com as suas responsabilidades em pagar os salários.

Em suma, o trabalho informal tem suas vantagens e desvantagens, mas, isso só pode ser percebido e melhorado pelo próprio Estado e com ajuda das mulheres atuantes nessa zona, trabalhando assim para alcançar objetivo de aumentar as produções econômicas para o bem comum e o desenvolvimento do país, tornando assim, esse espaço um lugar melhor para toda a sua população.

### Referências

ANTUNES, Ricardo. **Os modos de ser da informalidade: rumo a uma nova era da precarização estrutural do trabalho?**\* Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 107, p. 405-419, jul./set. 2011

BIAGUE. Alfredo, Goia. **DA INVISIBILIDADE À REPRESENTATIVIDADE: breve discussão sobre a mulher na esfera pública de Guiné-Bissau.** Disponível em: [http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2019/images/trabalhos/trabalho\\_submissaoId\\_700\\_7005cb64089ef224.pdf](http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2019/images/trabalhos/trabalho_submissaoId_700_7005cb64089ef224.pdf). Acesso no dia 17 de janeiro de 2022.

BIROLI. Flavia. **Divisão Sexual do Trabalho e Democracia.** DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 59, no 3, 2016.

CAMARA. Tenem, samba. **Lumo – Estatuto, funcionamento e organização dos Mercados Periódicos na Guiné-Bissau – estudo de caso no lumo de Mafanco.** Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Estudos Africanos: Análise e Gestão do Desenvolvimento Social e Económico. Instituto universitário de Lisboa. Maio 2010.

CARRASCO, Cristina. **Introdução para uma economia feminista**. Disponível em: <http://www.sof.org.br/wp-content/uploads/2015/07/INTRODUCAO-para-uma-economia-feminista-Carrasco.pdf>. Acesso no dia 1 de setembro de 2021

DENARDP: versão corrigida em outubro de 2005 na base do DENARP adoptado em agosto de 2004. Disponível em: <[www.stat-guineebissau.com/denarp/denarp.pdf](http://www.stat-guineebissau.com/denarp/denarp.pdf)> acesso em: 9 Agosto 2021.

SILVA. Raquel, Reis, Tatiana. Relações de gênero em África: as rabidantes e o comércio informal em Cabo Verde 7.º CONGRESSO IBÉRICO DE ESTUDOS AFRICANOS. Lisboa. 2010.

GOMES. Patrícia, Godinho. **As mulheres do sector informal Experiência na Guiné-Bissau** Disponível em: <[http://www.academia.edu/5130097/As\\_mulheres\\_do\\_sector\\_informal.\\_Experi%C3%AAs\\_da\\_Guin%C3%A9-Bissau](http://www.academia.edu/5130097/As_mulheres_do_sector_informal._Experi%C3%AAs_da_Guin%C3%A9-Bissau)>. Acesso em de 8 de Dezembro de 2021.

LIMA, M, M, Helena. **Diagnóstico situacional sobre a Implementação da Recomendação Opção B+, da Transmissão Vertical do VIH e Sífilis Congênita, no âmbito da Comunidade de Países da Língua Oficial Portuguesa. Relatório Final- Guiné-Bissau.** Agosto de 2017. Revisado em Abril de 2018.

MENDES. Hipólito. **Mindjeris Di Guiné-Bissau Tené Balur. 2016.** Dissertação (Bacharel em Humanidades) - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira (UNILAB), São Francisco do Conde-BA. 2016.

OYEWUMÍ, Oyèrónké. **Conceituando O Gênero: Os Fundamentos Eurocêntricos Dos Conceitos Feministas E O Desafio Das Epistemologias Africanas.** Volume 1, Dakar, CODESRIA, 2004, p.1-9 por Juliana Araújo Lopes.

REPÚBLICA DA GUINÉ-BISSAU Ministério da Economia e Finanças Instituto Nacional de Estatística (INE). **Inquérito Regional Integrado sobre Emprego e Setor Informal (ERI-ESI) Guiné-Bissau, 2017-2018, Outubro 2019.**

REPÚBLICA DA GUINÉ-BISSAU Assembleia Nacional Popular. **Constituição da Republica.** Reempresão- INACEP. Janeiro de 2012.

SANCA, Ilda **A Inserção das mulheres das mulheres no mercado de trabalhona Guiné-Bissau.** 2014. Dissertação (Bacheler em Administração) - Universidade Federal de Rio Grande De sul, Porto Alegre-Rs.

SPINDOLA ,Thelma. SANTOS. da Silva, Rosângela. **Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?).** Rev Esc Enferm USP 2003; 37(2):119-26.